



No Santuário

© 2022 – Conhecimento Editorial Ltda

**No Santuário**  
*(In the Sanctuary)*  
A. Van der Naillen

Todos os direitos desta edição reservados à  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Fone/Fax: 19 3451-5440

[www.edconhecimento.com.br](http://www.edconhecimento.com.br)  
[vendas@edconhecimento.com.br](mailto:vendas@edconhecimento.com.br)

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação –, sem permissão, por escrito, do editor.

**Revisão:** Sueli Cardoso de Araújo

**Projeto gráfico:** Sérgio Carvalho

**Ilustração da capa:** Mário Diniz

ISBN 978-65-5727-098-1

1ª edição – 2022

• Impresso no Brasil • *Presita em Brazilo*

Produzido no departamento editorial da  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA  
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – 13485-150  
Fone: 19 3451-5440 — Limeira – SP



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

---

Van der Naillen, Albert, 1830-1928

No Santuário / A. Van der Naillen – 1ª ed. –  
Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2022.  
180 p. : il

ISBN: 987-65-5727-098-1

1. Ficção ocultista 2. Ficção belga I. Título

22-1020

CDD – .849.3

---

Índice para catálogo sistemático:  
1. Ficção ocultista

A. Van der Naillen

# No Santuário

1ª Edição – 2022



Obras de A. Van der Naillen:

Nos Templos do Himalaia – (2003)

No Santuário – (20218)

Balthazar o Mago – (2021)

A Grande Mensagem – (No Prelo)



A publicação, nesta data tardia, da sequência de *Nos Templos do Himalaia* pode parecer aos nossos leitores um pouco fora de consistência cronológica. O fato é que esta edição foi atrasada inesperadamente, porque o autor descobriu a existência de uma ordem de ocultistas ainda mais elevada que aquela descrita em *Nos Templos do Himalaia*. Era sua intenção ter lançado este segundo livro da trilogia anos antes, mas as investigações feitas na direção dessa ordem misteriosa trouxeram a seu conhecimento tantos fatos importantes ligados à origem das práticas religiosas e seus significados que sua exposição fiel consumiria, necessariamente, muito tempo. Assim, consideramos recomendável apresentar, em poucos parágrafos, uma rápida descrição do conteúdo do volume anterior, com o objetivo de refrescar a memória de nossos leitores que o leram atentamente e, no caso daqueles que não o leram, tornar esta obra mais inteligível.

Bastará dizer que o príncipe Arthur de Silvereau, o herói de *Nos Templos do Himalaia*, havia sido, em sua juventude, um capitão da guarda pessoal do rei da França. Sua posição conferia a ele muitos privilégios, entre os quais o de estar presente às festividades familiares da corte. Assim, ele teve contato não apenas com o rei, mas também com os príncipes e as princesas. Entre esses últimos, estava a princesa Dolora, que, apesar de não ser possuidora de beleza física segundo

os parâmetros do mundo da moda, possuía harmonia de características e conduta distinta e adorável, que são os dotes naturais de uma alma pura e sensível.

O príncipe Arthur, no entanto, era um belo e jovem cavalheiro, cuja beleza dos traços aristocráticos era ainda mais ampliada pelo esplêndido uniforme usado pelos oficiais da guarda pessoal do rei. Ele era, acima de tudo, mais um poeta que um soldado, mais um sonhador que um guerreiro e, como geralmente ocorre quando duas jovens criaturas possuidoras de sentimentos exaltados são postas juntas, seus corações logo aprenderam a bater em um só ritmo, resultando em um amor mútuo. Não houve exceção no caso da princesa Dolora e do príncipe Arthur. Eles se amavam com aquele amor platônico, espiritualizado, cujas vibrações puras e sagradas são levadas pelas asas dos anjos. Entretanto, seu amor casto estava fadado a não ser recompensado. O rei de uma nação vizinha pedira a mão da princesa Dolora, e seu pedido havia sido aceito.

Quando soube da decisão tomada pelo monarca francês, o jovem casal foi abatido por intensa dor. Mas, é o destino daqueles que ocupam altas posições que suas afeições sejam ignoradas e que os sentimentos mais sagrados e legítimos do coração sejam sacrificados em nome daquilo que os monarcas gostam de chamar de “o bem-estar das nações”.

O príncipe Arthur, pouco tempo depois, demitiu-se de seu posto, pediu, e conseguiu, uma carta de apresentação do rei para o papa e, armado com essa missiva, partiu imediatamente para Roma. Chegando à cidade, conseguiu uma audiência com Sua Santidade, que, naquele instante, de acordo com seu desejo, designou-o para a ordem, muito rígida, dos monges trapistas em um mosteiro italiano. Ele foi logo admitido ao sacerdócio e, dez nos mais tarde, nós o encontramos em Simla, na Índia, em um bispado católico romano responsável por todas as missões naquele país.

No volume ao qual nos referimos, narramos a vida do bispo Ângelo, na Índia, descrevendo como ele ficou interessado, em razão do contato diário com os místicos, no trabalho com o oculto dos sumos sacerdotes, e como, subsequentemente, foi

levado por um caminho misterioso para o Tibete, onde foi iniciado na ordem da irmandade do Himalaia, tendo passado por provas e cerimônias dos três níveis da ordem, até que, finalmente, foi ordenado mestre e, assim, se tornou um adepto.

Logo depois, foi chamado à Europa pelo papa, que o investiu com a distinção de arcebispo de Simla, com residência na cidade de Liège, na Bélgica.

Com o esboço preliminar das experiências de nosso herói até esse período de sua vida, iremos agora proceder à narração de sua trajetória futura.

# 1



Antes de ingressar na carreira militar, o príncipe recebera o título de doutor em ciências e filosofia da mais notável universidade da França e, no exército, prosseguiu ardorosamente com seus estudos. Agora que estava estabelecido em Liège, somente com as tarefas de arcebispo honorário, dedicava-se a esses temas mais seriamente do que nunca, pois neles repousava um enigma cuja solução seria incomensuravelmente benéfica à raça humana, e a essa busca ele havia devotado sua vida com todo o empenho de um entusiasta.

Na qualidade de cientista completo e filósofo verdadeiro, sabia que todas as manifestações de poder, ocultas ou visíveis, são o resultado de alguma força natural conhecida ou ainda não revelada. Dessa forma, concentrou sua energia na descoberta das leis por trás dos vários fenômenos que testemunhara, não apenas na Índia, como também durante a sua estada na Bélgica. Na verdade, os mestres do distante Himalaia o haviam visitado muitas vezes em seus corpos astrais, trazendo-lhe ensinamentos valiosos. Assim, ele passou ano após ano no estudo dos princípios, das operações ocultas que possibilitariam a investigação das maravilhas que ele havia testemunhado, muitas das quais tinha agora a capacidade de produzir.

Tão absorto estava ele em suas pesquisas, que, raramente, era visto nas ruas de Liège e dificilmente fora dos muros

do palácio, exceto em dias sagrados ou festivos, quando era obrigado a celebrar a missa. Em tais ocasiões, sua carruagem, puxada por quatro corcéis brancos como leite, era conduzida com pompa até a catedral. Um mensageiro o precedia e anunciava, com o toque de trombetas, a chegada do príncipe e do prelado; enquanto ele passava, todas as cabeças abaixavam-se e todos os joelhos dobravam-se em reverência. De sua carruagem até a porta da catedral, ele caminhava sobre luxuosos tapetes de cor púrpura brilhante, enquanto os párocos seguravam seus mantos de seda e, então, por um séquito de padres em vestimentas sacerdotais completas, era conduzido ao altar-mor, onde a missa era celebrada com a solenidade e a pompa de todo cerimonial do ritual católico. Entretanto, o coração do arcebispo estava longe de toda essa exibição vã, mas ele precisava desempenhar suas obrigações conforme prescreviam os cânones da Igreja.

Uma noite, isolado em seu estúdio e imerso em profunda reflexão, Ângelo (este era o nome que ele recebera como arcebispo) perguntava-se por que as visitas dos mestres hindus haviam se tornado mais raras e sua influência era sentida de modo menos distinto, à medida que seus estudos avançavam e suas investigações científicas pareciam aproximar-se de uma solução para o enigma místico que revelaria a lei natural sob a qual residem muitos dos fenômenos ocultos que ele havia testemunhado.

“Ainda assim, sinto, no mais profundo do meu ser, que não os ofendi e que a minha linha de investigação tem a aprovação até mesmo dos Sagrados”, refletia internamente. “Por que o resplendor brilhante que, com tanta frequência, me envolvia e enchia meu estúdio quando eu pedia ajuda do Alto, em oração, foi gradativamente substituído por outro mais brilhante, apesar de aparentemente mais atenuado, como se fosse composto por uma aura mais refinada, mais rarefeita, tingida com uma cor dourada? Meus mestres hindus terão me desertado?”

Mal havia o arcebispo Ângelo formulado essa pergunta e o estúdio encheu-se, gradativamente, com brilhante esplendor e, bem no centro, como o sol a partir do qual emanava,

surgiu seu velho mestre hindu.

Com palavras solenes e uma ponta de tristeza, ele disse:

— Vim para responder à pergunta de meu irmão. Como pôde observar, a luz branca e brilhante, ou seja, a aura característica dos irmãos do Tibete, aos quais nosso irmão pertence, foi gradativamente substituída por uma mais tênue, apesar de mais brilhante e dourada, caracterizando a aura do ramo europeu da ordem dos magos sagrados. Durante anos, no passado, nossa ordem despertou a atenção de viajantes europeus, especialmente ingleses, em razão de muitos escritos sagrados depositados em templos budistas, negligenciados, entretanto, pelos próprios budistas. A filosofia estabelecida nesses textos sagrados era tão elevada e tão espiritualizada que despertou o interesse para um criterioso estudo que fez muitos dos mais cultos homens da Europa voltarem seus olhos em direção ao Oriente, na esperança de lá encontrarem um antídoto para os males cada vez maiores do materialismo, para a crença de que a matéria sozinha seja suprema e tenha em si todas as potencialidades da existência e do destino final.

— Dessa forma, notáveis europeus foram recebidos em nossas ordens, e lá foram instruídos sobre muitas das leis ocultas que lhes deram dons pertencentes aos profetas, tais como a habilidade de viajar em seus corpos astrais, o poder de comandar os átomos da matéria para obedecer à sua vontade, quando adequadamente reforçada pela prática e dotada com vários poderes ocultos. As manifestações desses poderes, nosso irmão testemunhou pessoalmente em Simla e no monastério do Tibete, onde recebeu os três graus. Diversos europeus nosso irmão viu; uns poucos, reconheceu no monastério. Eles estavam mais do que satisfeitos; estavam maravilhados com os poderes que testemunhavam, para alegria de seus corações, e que, gradativamente, desenvolveram em si próprios. Inicialmente, não pensavam em nada além de se prepararem para se tornarem dignos de receber tais poderes e usá-los em benefício de seus irmãos europeus, muitos dos quais lutavam nas mais escuras armadilhas do materialismo. Então, iniciaram a propaganda europeia com toda a dedicação de que eram capazes. Muitos foram aqueles que ouviram a

nova revelação; muitos foram os olhos que se voltaram para o Oriente em busca da luz e muitos foram aqueles cujos corações vibraram na esperança de que aqui, no Tibete, a meca da alma humana houvesse finalmente sido descoberta.

— Entretanto, gradativamente, os iniciados europeus de nossa ordem foram confrontados com os questionamentos dos cientistas e dos filósofos. Eles queriam provas. As poucas manifestações do poder oculto que os nossos iniciados podiam exhibir, apesar de surpreendentes para aqueles que as testemunhavam, não recebiam a credulidade daqueles que ouviam falar sobre elas. Assim, depois de algum tempo, o termo ocultismo era sempre associado ao ridículo.

— Como os nossos iniciados sabiam, a partir de experiências pessoais, que os poderes ocultos são verdadeiros e que dentro dos homens estão adormecidas forças sobre as quais ainda não podemos formar um conceito adequado, estavam convictos de que esses poderes ocultos seriam a salvação para a humanidade, através da queda do materialismo e da crença em um ser supremo. Nossos iniciados, todos homens intelectualizados, e, em sua maioria, com dotes científicos, trabalharam com dedicação incansável para encontrar uma correlação na ciência com todas essas manifestações ocultas. Quando meu irmão foi admitido em nossa ordem no Tibete, encontrou em nosso monastério laboratórios científicos completos, estabelecidos lá pelos iniciados europeus. Conforme observou, esses laboratórios foram de grande serventia. Nosso irmão ficou feliz e talvez nem um pouco surpreso ao descobrir que nossos poderes ocultos se baseavam na ciência e, em alguns casos, eram passíveis de demonstração científica.

— Os velhos mestres do Tibete, cujos poderes foram obtidos com muita disciplina durante toda uma vida, com fortalecimento contínuo da vontade e completa subjugação do ego, não podem mais acompanhar nossos irmãos europeus em seus estudos científicos. Estes, por sua vez, também acham que é cansativo ir para o leste em seus corpos astrais e continuar a praticar na Índia os estudos de ocultismo científico, principalmente em momentos de perturbação planetária, quando a atmosfera está plena de vibrações destrutivas.

— Finalmente, um conselho se reuniu no Tibete e determinou, com boa vontade e amor fraterno, que os iniciados europeus deveriam se juntar ao ramo mais elevado da ordem, após obterem a permissão do Mestre Supremo.

— A influência desse ramo elevado, meu irmão, gradualmente, atraiu para si, harmonizando os estudos com as investigações do ocultismo científico. A aura atenuada, com radiações douradas, tão frequentemente percebida por meu irmão, pertence aos membros europeus de nossa irmandade, aqueles selecionados para entrar na ordem suprema da Terra e usar o manto do mais sagrado ofício que pode ser conferido a um homem. Logo, irás prestar obediência a essa ordem sagrada. Hoje, vim dizer que, em breve, deverás obedecer ao Mestre Supremo da irmandade europeia e que, a partir deste dia, o mestre do Tibete te dispensa de toda a formalidade para com a irmandade do Himalaia. Apenas é pedido que visites o monastério uma vez por ano, no aniversário de tua iniciação, para renovar os laços de irmandade em Parabrahma. Pois bem, estás ciente de que os mestres te amam e felizes ficariam se os visitasses de tempos em tempos. Adeus, caro irmão, adeus! Os melhores votos e que as bênçãos dos mestres sigam contigo.

Daqueles que haviam recebido uma iniciação ao terceiro grau, é dito que “todas as emoções de nossa humanidade para sempre se foram”. A despeito disso, a voz do mestre do Himalaia tremeu enquanto ele se despedia de Ângelo, que, emocionado, abafou um soluço no peito. Por muito tempo, Ângelo permaneceu absorto em pensamento profundo e solene, mentalmente revendo sua trajetória, desde o momento em que, guiado por influências ocultas, viajou de Simla até a porta do monastério no Tibete, onde, em meio às fortalezas do Himalaia, foi iniciado nos três graus do ocultismo. Lembrava-se bem dos laboratórios pelos quais havia passado e da surpresa pelos diversos equipamentos que neles existiam. Também se recordou de que os mestres que ali havia encontrado estudando eram todos europeus.

Agora, compreendia por que deveria haver separação entre os ramos hindu e europeu da ordem, uma vez que seus

métodos de estudo e investigação se opunham diretamente. Para citar as condições mais precisamente, o primeiro se contentava em exercitar os poderes ocultos, cujos segredos, considerados sagrados e invioláveis, eram transmitidos pela sucessão de mestres. O outro ramo não ficava satisfeito apenas com o exercício desses poderes; consciente das possibilidades ilimitadas do homem, desejava investigá-los, tentava descobrir as leis sobre as quais eles se baseavam, utilizando as descobertas em todos os campos da ciência conhecidos pelo homem, especialmente a fisiologia e a psicologia. Assim, seu progresso era bastante notável. Tudo isso Ângelo compreendia perfeitamente.

Enquanto ainda estava absorto em meditação, o conhecido tilintar prateado dos sinos astrais foi ouvido no aposento, diretamente sobre sua cabeça. Ouvindo aquela doce melodia, ele ficou ainda mais fascinado ao perceber que ela, gradativamente, traduzia-se em palavras que, naquele instante, transmitiam a ele a seguinte mensagem: “Segue para Londres e lá serás guiado a teu destino. Um dos mestres europeus deseja conversar contigo”.

Tal mensagem indicava que a convocação deveria ser obedecida sem demora, que revelações novas e importantes da ciência oculta seriam feitas a ele e que aquele era o primeiro passo em direção à filiação ao ramo europeu da irmandade. Então, colocando os negócios da arquidiocese em ordem, partiu em sua jornada para a Inglaterra, confiando plenamente que, durante sua ausência, tudo estaria bem.

Não foi sem emoção, entretanto, que Ângelo realizou a sua jornada. A mesma cadeia de pensamentos que havia preenchido sua alma, quando, montando em seu cavalo em Simla, voltou-se em direção ao Himalaia, guiado dia a dia por uma influência oculta invisível até a porta do monastério onde habitavam os mestres sagrados, o influenciava agora. Porém, era uma manifestação em grau diferente, uma influência mais elevada, animando seu espírito não com uma alegria física, mas com uma emanção abençoada do Alto. O ocultismo científico, a descoberta das leis que regulam os fenômenos ocultos era o sonho de sua vida desde sua iniciação; por isso, seus

estudos haviam sido constantemente direcionados. As dificuldades encontradas eram quase insuperáveis, mas ele já tinha descoberto o suficiente para confirmar a crença de que a ambição de sua vida era possível e que, em breve, seria atingida. Vários especialistas em ciências realizariam estudos paralelos aos seus, e talvez ele já estivesse a caminho de encontrá-los, a fim de conciliar as suas próprias investigações com as deles.

# 2



Ao chegar a Londres, Ângelo foi saudado na estação de trem por um jovem cavalheiro que o convidou a entrar em uma carruagem cuja porta, aberta por um pajem uniformizado, ostentava um brasão. Enquanto o veículo deslocava-se em sua curta jornada sobre o calçamento duro da cidade, nenhum dos ocupantes falou, cada qual aparentemente concentrado em fazer um diagnóstico espiritual de seu companheiro. O arcebispo estava muito feliz com as emanções elevadas e harmoniosas procedentes do jovem cavalheiro inglês, enquanto o último concluía que o prelado seria um companheiro muito adequado para o seu mestre.

Logo, a carruagem passou sob um arco de pedra, entrada de uma imponente mansão situada em um dos bairros mais antigos de Londres. Descendo da carruagem, Ângelo encontrou-se ao pé de uma daquelas escadas apenas vistas nos palácios mais antigos das metrópoles. Convidado a subir, com o jovem cavalheiro inglês mostrando o caminho, ele foi levado para uma grande sala de visitas, que possuía uma mobília das mais raras, em azul e dourado. Um instante mais tarde, a porta lateral foi aberta e ele descobriu-se na presença de um homem de aspecto notável e venerável, com uma barba grande, ondeada e com mechas de um branco prateado — um verdadeiro patriarca de sua ordem.

— Bem-vindo a este palácio, muito bem-vindo — ele disse com uma voz gentil e ligeiramente tremida. — Minha idade

é minha única desculpa para não ter encontrado com Vossa Eminência na estação. A mensagem deve tê-lo informado parcialmente do motivo pelo qual foi convocado a vir até aqui. Ralph, meu pupilo — ele indicou o jovem cavalheiro —, irá mostrar-lhe o aposento que lhe está reservado. Em meia hora o jantar será servido.

Acompanhando seu guia, Ângelo foi conduzido a apartamentos dignos de serem ocupados por um rei. Ele vestiu-se da forma mais simples possível — pois trajava roupas civis. Logo após, o som de um gongo foi ouvido, seguido por uma batida gentil na porta da suíte, aberta por Ralph, que indicou o caminho até a sala de jantar. Apenas dois lugares haviam sido postos. O serviço era de prata e ouro, todos os utensílios eram lavrados com o brasão pertencente ao anfitrião. Ângelo, então, percebeu que, no mundo exterior, o anfitrião exibia o mesmo grau de nobreza ao qual ele mesmo pertencia.

Estando presentes os serviçais, a conversa foi sobre os incidentes da viagem, a travessia do canal e a difícil passagem.

Quando o jantar terminou, Ângelo foi convidado por seu anfitrião para visitar a galeria de arte do palácio e o aposento dedicado a propósitos científicos; depois, seguiu-se um breve intervalo para repouso. Às nove horas, Ralph iria conduzi-lo à antessala do santuário, onde seria revelado o motivo de sua convocação à Inglaterra.

Ângelo teria, de bom grado, se demorado na galeria de arte, onde tesouros inestimáveis, pinturas de incalculável valor, eram exibidos. O que, entretanto, mais do que qualquer outra coisa, atraiu sua atenção, foram os retratos da família, alguns deles antecedendo o período das Cruzadas. Ele admirou, em especial, quatro retratos dos cavaleiros de Malta, de estatura quase gigantesca, cada qual vestido em cota de malha com os elmos decorados com ouro ou prata e brandindo para cima as enormes espadas de duas mãos que somente o cavaleiro poderia manejar, enquanto em seus traços estavam exibidas uma força de vontade, uma decisão de caráter, que não era dada à capitulação. Entretanto, tons mais suaves estavam expressos, denotando todas as profundezas do sentimento, a capacidade para aquelas emoções mais elevadas

e mais sagradas que marcaram os heróis desse período da Cavalaria.

Enquanto fitava intensamente esses magníficos exemplares de virilidade, Ângelo refletia consigo mesmo: “Almas nobres estavam escondidas debaixo desses exteriores austeros e marciais, mas eles lutaram contra a injustiça e contra homens somente para corrigir essas injustiças. Nos tempos medievais, quando cada cavaleiro era um tribunal em si mesmo, um monarca autônomo de suas próprias terras, constantemente travando guerras contra seus vizinhos mais fracos para expandir seus territórios através da captura de terras e vassalos, ampliando seu poder para cometer outros abusos — então, esses cavaleiros de Malta, cada qual descendente da mais alta nobreza e muitos deles extraordinariamente ricos, viajavam sozinhos no lombo de seus cavalos, acompanhados apenas por um único arauto, por regiões aterrorizadas. Por eles, todas as acusações sérias eram investigadas, todas as injustiças reparadas, não importando quão poderosos eram aqueles contra os quais eles eram chamados, pois para seu auxílio poderia ser convocada, se necessário, toda a ordem dos cavaleiros, com todo o peso de sua influência e riqueza. Onde estão agora os padres-guerreiros (pois todos eram devidamente ordenados) que devotaram suas vidas ao nobre propósito de levar justiça aos humildes e aliviar aqueles oprimidos pelos ricos e poderosos?”.

Com um suspiro, o arcebispo seguiu o atendente até o espaçoso gabinete de ciência, onde as batidas prateadas do relógio o lembraram de que a hora de encontrar seu anfitrião no santuário estava se aproximando. Ele, então, pediu para ser reconduzido a seu aposento, a fim de preparar-se para entrar dignamente na câmara sagrada do palácio.

— A terceira porta à direita dá entrada para a antessala do santuário — Ralph informou, enquanto retirava-se com uma profunda reverência.

No aposento que levava até a antessala, havia um oratório, junto ao qual o arcebispo ajoelhou-se, enquanto dirigia ao trono da Graça a oração mais fervorosa que a alma humana podia proferir.

— Oh, Pai infinito, mais uma vez Teu humilde servo segue os misteriosos acenos de Tua mão. Eu peço a Ti guiar-me em Teu caminho, guiar-me pelos caminhos da verdade, a despeito de quão ocultos eles possam parecer-me. Deixa-me, sempre, sentir a influência de Tua vontade celestial, que meus pés não tropecem, meus pensamentos não se desviem das coisas do Alto. Torna simples para mim os ensinamentos que eu estou prestes a receber, e abre a minha compreensão para a Tua luz, que eu possa mais dignamente servir-Te. E se o Teu servo deve ser um instrumento para a disseminação de Tuas sagradas verdades aqui embaixo, então, ó Pai celestial, sustenta-me na tarefa sagrada e me dá força para que eu não hesite.

Nesse momento, sobre o bispo desceu um raio de luz resplandecente, vindo do alto, e uma voz solene, mas gentil, respondeu:

— Amém.

Na nona hora, a porta para a antessala foi aberta de alguma maneira misteriosa e o bispo Ângelo entrou. Seu anfitrião, que o havia precedido, indicou que o prelado se sentasse e ocupou uma cadeira diretamente oposta à dele, entretanto, conforme parecia, para o propósito de uma conversa familiar em vez de qualquer entrevista mais séria. Depois de umas poucas observações preliminares, o anfitrião continuou:

— Sabe que existe sobre esta terra apenas uma ordem oculta suprema, e esta é a ordem sagrada dos magos. Sua origem se perde na aurora do tempo. Quando as tribos de Israel se dispersaram, ela se dividiu em três ramos. Presidindo cada um deles está um mago legitimamente indicado. Um ramo foi para a Índia, onde Melchior estabeleceu a ordem. Outro, sob Balthazar, permaneceu no Egito, tendo domínio sobre a Pérsia, a Arábia e os países adjacentes. O terceiro localizou-se no que é agora o continente europeu. Desse ramo europeu eu sou agora o chefe. Meu nome é Gaspar e o título de mago foi conferido a mim por meu predecessor, cujo nome será neste momento revelado a ti, junto com os nomes de todos os magos que me antecederam. À nossa ordem pertenceram os três magos, que, das partes mais remotas da Terra, viajaram para Belém, a fim de lá prestar homenagem, em Seu nascimento,

ao grande mestre que viria a dar ao mundo os ensinamentos da ordem.

Com essa repentina revelação, Ângelo encheu-se de admiração, pois agora, pela primeira vez, ele se encontrava na presença de um daqueles da ordem sagrada cujos antecessores haviam adorado o nascimento de Jesus de Nazaré. Sua cabeça estava abaixada em reverência, enquanto, diante de sua visão mental, passavam-se os sucessivos incidentes na vida e na morte do maior Mestre da Terra. Não podia ele, naquele momento, perceber que, à sua frente, estava um verdadeiro sucessor daqueles que haviam testemunhado o terrível drama do Calvário, um sucessor que possuía todos os ensinamentos ocultos, todo o valor e toda a integridade supremos do caráter dos três “Sábios do Oriente”.

— Conosco, em nossos templos sagrados — Gaspar continuou —, a Criança passou Sua juventude, da idade de 12 até o momento em que Ele entrou em Sua missão no mundo que não O recebeu, apesar de que Sua missão fosse plantar as sementes da verdade eterna — verdades que daí para diante nunca pereceriam, mas que frutificariam e cresceriam nos corações dos homens, para se tornar seu alimento espiritual, dar-lhes a santidade que há na vida e para conferir-lhes a mais perfeita felicidade que espera pelo humilde discípulo na vida eterna.

— Junto a nós, o Nazareno viveu em nossos templos; pouca comida Ele comeu, e poucas foram as horas que Ele passou em sono. Sua vida foi de constante oração. Sozinho, Ele vagava em um estado de espírito abstrato; parecia habitar mentalmente um mundo mais elevado que o nosso. Frequentemente, em momentos de intensa devoção, o Seu corpo se tornava translúcido, brilhava com uma luminosidade tão ofuscante que até mesmo as muralhas do templo pareciam desaparecer em meio à radiação celestial que O cercava, como se Ele já houvesse entrado no reino de Seu Pai celestial.

— Pouco Ele conversava, apesar de, frequentemente, expressar Sua gratidão àqueles que O haviam admitido em nossos templos, pois, debaixo de seus santuários sagrados, Ele podia receber, diretamente, a influência do Pai celestial, banhar-se mais completamente na aura divina, através das

radiações que traziam ordens do Alto, com inspirações não corrompidas pelas auras da Terra.

— Assim foi que o jovem Nazareno não recebeu instrução direta de nossa ordem, mas a pureza e a altivez da aura emanando de nosso santuário sagrado, destruindo todas as influências terrenas, permitiu a Ele, apesar de ainda habitar em um corpo humano, e sujeito às suas leis, receber, sem prejuízo, instrução e orientação divinas com as quais a aura do Pai celestial está sempre impregnada.

— Pois, lembra-te bem, meu filho, que é transmitido em nossos registros mais sagrados e autênticos, que o corpo humano, o cérebro humano de Cristo, foi espiritualizado através da mesma lei que regula o corpo e o cérebro de todos os homens; suas células ou moléculas estavam sujeitas aos mesmos processos que as dos outros homens, e isso é a purificação e a harmonização das partículas do corpo humano com aquelas do corpo celestial. Isso é feito através de pensamentos elevados, aspirações divinas, prática sagrada e orações devotadas, que nos colocam em direta harmonia com os atributos do Pai celestial. Quanto mais cultivarmos e desenvolvermos esses atributos, mais nos aproximarmos d'Ele, mais assimilamos Sua natureza, mais nos tornamos um com Ele. Isso, meu irmão, é o segredo, a fonte de todos os poderes ocultos, de todos os poderes divinos ocultos, pois o homem não deveria aspirar a nenhum outro.

— A aura sagrada, impregnando nossos templos, excluindo, como ela fez, todas as vibrações provenientes da Terra, foi particularmente favorável para a harmonização do corpo humano e a evolução das células que o compõem, até o ponto da completa assimilação com o divino. Tampouco foi o Nazareno excluído desse lento processo de espiritualização. Ele também teve de romper, por assim dizer, consigo mesmo, e tal ruptura não ocorre sem luta. Essa conquista do *Self* é sempre acompanhada de dor; as dores do parto do espírito são sempre acompanhadas de sofrimento, até os átomos da matéria que elas deslocam, e estes não abandonam o templo da carne sem protestos violentos e repetidos, na forma de incomensuráveis tentações investindo, violentamente, contra aquele que aspi-